

SOCIAL-DEMOCRATA?

por Mário Soares

O actual Governo diz-se falsamente social-democrata. Mas obviamente que não é. Social-democrata significa ser de Esquerda, como sempre foram Sá Carneiro e António Capucho. Ora o actual Governo é, como se tem visto, de extrema Direita, dirigido por uma coligação populista.

Com efeito Paulo Portas, que substituiu o CDS por PP (partido popular, à espanhola) e há cerca de um mês disse ser democrata-cristão, mas dias depois, arrendeu-se, como é seu costume.

Virá a ser o que for preciso, no momento que mais lhe convier. Mas pobre dele. Ou obedece ao Chefe do Governo ou lhe cai em cima tudo o que está em suspenso, no que se refere a submarinos e tanques. E talvez a outras coisas que a comunicação social não refere, enquanto não receber ordens.

A verdade é que a Coligação governamental, sob protecção do Presidente da República, haja o que houver, até ao fim do seu mandato, actua, nas mais pequenas coisas e por menos que goste dos dois dirigentes da Coligação, no sentido de os salvar.

O Presidente disse que temos vinte anos (ou mais) à nossa frente sem que possamos fazer nada. Felizmente engana-se redondamente, porque a Europa está em mudança, como começa a ser conhecido, e apesar de ter tomado o gosto pelas viagens e ter falado com vários estrangeiros, não percebeu ainda que a Europa, da zona euro, como o Mundo, na sua totalidade, estão em mudança acelerada. Incluindo os BRIC's, chamados Estados emergentes e a própria ONU, que com o actual Secretário-Geral, perdeu muito do seu antigo vigor.

Voltando à social-democracia. Alguém em Portugal e no estrangeiro, com um mínimo de consciência política, admite que o actual Governo seja de facto social-democrata, sendo como é, de extrema-Direita, nas mais pequenas coisas? Tendo feito tudo, o que lhe foi possível, para liquidar o Estado Social, para não ouvir os Sindicatos, para não se interessar pela Concertação Social? E só respeitar os ricos, banqueiros e grandes empresários, nos quais não ousa tocar, ao mesmo tempo que tenta destruir aos poucos a classe média e está a desgraçar, de uma forma inaceitável, como se sabe, a esmagadora maioria do Povo Português?

Poderá chamar-se a isto social-democracia? Haja vergonha! Chame-se tão só populismo de Extrema-Direita. Que a Troika aceita, porque o que lhe interessa é receber cada vez mais dinheiro e a austeridade que por si só também lhe convém. É bom saber que o populismo vai custar caro, porque a situação social e política está a degradar o Governo. Por isso, a Troika e o Presidente da República querem tanto meter no mesmo barco o PS. Porque isso dava à Coligação a credibilidade que lhe falta. Mas seria o fim, a prazo, do PS...

O populismo, disfarçado de social-democracia, não convence ninguém. A globalização, responsável pela crise, deixou de ter sentido. As guerras que por toda a parte ocorrem são um fenómeno da mesma gravidade. A Direita, de Blair a Sarkozy e à Senhora Merkel, agora aliada aos social-democratas, mas não só, não é mais suportável na zona euro, como foi nos últimos anos.

Por isso o Manifesto dos 74 causou tanto medo ao Governo e ainda faz, sobretudo quando tantos estrangeiros responsáveis o aplaudem. O medo também levou o Partido do Governo a expulsar António Capucho e mais 139 militantes social-democratas, mas não populistas, como é evidente.

A Direita no Governo nem sequer é apoiada pelos bancos, que sabem bem que precisam de mão-de-obra e de empresas e que não saiam do País as melhores cabeças académicas, que o partido populista continua a destruir. A corrupção que este Governo tem proporcionado e que hoje é clara, está também a desacreditar profundamente o Governo e o Presidente.

Perceber que todas as classes sociais gritam contra o Governo - dos militares aos académicos, dos professores aos médicos, aos funcionários públicos e havendo cada vez mais cortes nas pensões - é algo que não pode deixar de impressionar toda a gente honesta. Porque ricos ou pobres sofrem com isso, mais tarde ou mais cedo.

Esta Coligação não tem remédio. E o Presidente da República, pela falta de coragem que o caracteriza, tornou-se o mais responsável de todos.

As Leis deste Governo

As Leis que o actual Governo tem feito, por via da Ministra da Justiça, não são nada boas, segundo dizem os juristas responsáveis que conheço. Não eu, que há muitos anos que não me ocupo de leis e fui apenas um modesto advogado, durante dezasseis anos, mas antes do 25 de Abril. Porque quando Zenha, que foi um excelente advogado, e eu próprio, fomos eleitos deputados, entendemos entregar o nosso cartão à Ordem dos Advogados por considerarmos incompatível sermos deputados e ao mesmo tempo advogados. Bons tempos! O meu cartão ainda está na Ordem e Zenha retomou-o quando deixou de ser político e, infelizmente, por pouco tempo, voltou à sua profissão.

Por mim, limitei-me a fazer várias conferências na Ordem dos Advogados, mais políticas do que de Direito - e por isso recebi alguns louvores - mas o meu cartão ainda está na Ordem e lá ficará até ao fim dos meus dias.

Vem isto a propósito das Leis do actual Governo e principalmente de uma Lei paradigmática que está a destruir a vida de muita gente da classe média, dos pensionistas e funcionários públicos, em maus lençóis, etc. A Lei a que me refiro é a do Arrendamento.

No tempo do Governo Sócrates era correcta e, como é óbvio nos socialistas, protegia os inquilinos em relação aos proprietários. A Lei da actual ministra da Justiça, de um Governo de Direita é, pelo contrário, em favor dos proprietários e está a desgraçar muita gente pobre e da classe média. Num Povo profundamente empobrecido e em que a maioria das pessoas que ainda trabalham (cada vez há menos) têm tantas dificuldades para dar de comer aos filhos, atribuir aos senhorios a possibilidade de fazer novas exigências aos inquilinos torna-se absolutamente inaceitável. Mas está a acontecer, infelizmente. É isto um Governo que se auto-proclama social-democrata? Claro que não. Diga-se a verdade. É próprio de um Governo populista de Extrema-Direita, como nunca tinha acontecido, desde o 25 de Abril de 1974. É uma forma de corrupção, que parece ser uma regra, em que o Governo incorre.

Um Governo que só quer festejar à sua maneira o 25 de Abril - esquecendo os militares que o fizeram - é porque está mais próximo do 28 de Maio de 1926 do que de Abril. Mas não vai viver 48 anos como as ditaduras de Salazar e Caetano. Nem mais de dois meses... Menos talvez do que a de Sidónio Pais que foi um ditador inteligente e sério, mas que só durou 9 meses.

Agora a zona euro está mudar e a Esquerda não pode nem vai por muito mais tempo, ficar quieta. Tenha-se em conta a Itália e o seu novo e dinâmico primeiro-ministro Matteo Renzi. É um exemplo para a Europa que sofre e tem sido vítima da austeridade, que o actual Papa Francisco abomina.

Acautele-se, portanto, o populismo português porque não tem qualquer saída limpa. Tudo será sujo e mau, como a corrupção que tem permitido. E quanto mais tarde desaparecer mais difícil será para este tão triste populismo, mal disfarçado de social-democracia.

A Alemanha e Portugal

Portugal deve muito à Alemanha. Refiro-me à Alemanha de Willy Brandt e de Helmut Schmidt mas também de Günter Grunwald, o Presidente da Fundação Friedrich Ebert.

Conheci-os quando ainda só tínhamos a Acção Socialista Portuguesa, criada por Tito de Moraes, Ramos da Costa e por mim, em Genebra. Ambos estavam exilados e eu ainda não. Willy Brandt, então Presidente da Internacional Socialista, convidou-nos a entrar, com a Acção Socialista

na Internacional, o que nos tornou conhecidos de todos os partidos socialistas, social-democratas e trabalhistas do tempo.

Mas fez mais. Convenceu-nos a transformar a Acção Socialista em Partido Socialista, criado em 19 de Abril de 1973, em Bad Münstereifel, ficando assim membro de pleno direito da Internacional Socialista, que nesse tempo era muito importante. No meu exílio designou-me para percorrer várias vezes a América Latina, lançando uma revista espanhola, Nueva Sociedad, em que colaborei e difundi.

O 25 de Abril foi para Willy Brandt - como para toda a Europa democrática - um grande e eufórico acontecimento, tendo vindo logo com Mitterrand e Olof Palme a Portugal e participado num grande comício que então fizemos no Pavilhão dos Desportos. E desde então, sendo Chanceler, ajudou financeiramente o PS e Portugal. O PS e eu próprio ficámos a dever-lhe imenso mas sobretudo Portugal e, pouco tempo depois, a Espanha durante e depois da "transição democrática".

Helmut Schmit, grande estadista e pensador, felizmente ainda vivo, também nos ajudou imenso. Como o Presidente Günter Grunwald da Fundação Ebert.

Lembro-me que sendo Schmidt Chanceler e eu Primeiro-Ministro, e estando Portugal numa situação financeira difícil, fui a Bona, então capital da Alemanha, com o ministro das Finanças Victor Constâncio. Uns minutos depois, estando já Victor Constâncio a expor a situação financeira, de que eu percebia tão pouco, pedi licença a Schmidt para ir dar uma volta e ver um museu. Assim aconteceu. Mas passada uma hora regressei para almoçar com ele, como estava combinado. Constâncio pediu para ir lavar as mãos. E então Schmidt disse-me: "Parabéns! Tens um ministro das Finanças excepcional". Ficou tudo resolvido.

Extraordinários alemães que tanto nos ajudaram a consolidar a nossa Democracia, incluindo o Estado Social. Devemos-lhes imenso!

Por isso resolvi homenageá-los no próximo dia 26 de Março, onde estará presente o Embaixador da Alemanha em Lisboa e falará também, entre outros, o professor Viriato Soromenho Marques.

Lisboa, 25 de Março de 2014